



# VOZ DA FÁTIMA

Diariamente, mas sobretudo nos fins de semana, passam pelo Santuário centenas ou mesmo milhares de pessoas. Que todas procurem retemperar aqui o seu espírito, pensando na razão de ser deste Santuário, que existe por causa de nós, a pedido de Maria Santíssima, nossa Mãe, que aqui nos trouxe uma mensagem de vida nova e de salvação.

Director e Editor interino: Padre Joaquim Domingues Gaspar  
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cónego Maia — Telef. 22336  
Composto e impresso nas oficinas da «Gráfica de Leiria»

ANO L N.º 598  
13 DE JULHO DE 1972  
PUBLICAÇÃO MENSAL

Aveia

## Homilia do Senhor Patriarca de Lisboa na Peregrinação de Maio

1 — Hoje, como tantas outras vezes ao longo dos 55 anos da História de Fátima, a Cova da Iria é verdadeiramente o Altar do Mundo e o Santuário de Portugal. Provenientes de várias latitudes geográficas e marcados por diversas coordenadas de cultura, todos nos reunimos aqui, no cimo desta montanha sagrada, para agradecer, desagravar e suplicar. Congrega-nos a mesma certeza de fé, fortalece-nos um idêntico fundamento de esperança e une-nos o vínculo da caridade que o Senhor derramou nos nossos corações.

I

### ACÇÃO DE GRAÇAS PELAS APARIÇÕES DA FÁTIMA

2 — E que havemos nós de agradecer, nesta hora alta de peregrinação? Em síntese diremos que estamos aqui para agradecer a Deus as aparições de Nossa Senhora em Fátima.

Nem faltam motivos que justificam e exigem a nossa acção de graças. Já alguém definiu as aparições da Cova da Iria como «a mais forte explosão sobrenatural do século XX». Talvez o conceito, assim formulado décadas atrás, mereça agora ser confrontado, e porventura revisto, após a celebração do Concílio Vaticano II. A nenhum outro acontecimento do nosso tempo, como a este, melhor caberá aquela definição. Resta, porém, verdadeiro que Fátima, vista à luz do Concílio, nada perde do seu valor real e até se agiganta em novas claridades descobertas. Hoje, como ontem, Fátima constitui uma página relevante da História da Igreja contemporânea, em Portugal e no Mundo.

As aparições da Senhora da Serra de Aire contêm uma riqueza espiritual inesgotável, quer nelas consideremos a dignidade da Mensageira descida do Céu à Terra, quer nos detenhamos no conteúdo da mensagem comunicada, quer ainda na projecção religiosa daí nascida e amplamente credora do respeito que nos merecem as realidades da fé.

### A DIGNIDADE DA MENSAGEIRA

3 — A Mensageira vinda à Cova da Iria é a Mãe de Deus e Mãe nossa, Aquela que, no dizer do Concílio Vaticano II, «ocupa na

Santa Igreja, depois de Cristo, o lugar mais elevado e também o mais próximo de nós» (L. G. 34).

Por razões que a fé não alcança, há hoje quem pretenda, mesmo dentro da Igreja, minimizar o culto de Maria Santíssima, sob o pretexto de que ele não se coaduna com o novo tipo de espiritualidade cristocêntrica, inculcada pelo Concílio. Para estes, o culto à Virgem de Nazaré corre o risco de entrar as almas na sua caminhada para Deus Criador e Redentor.

É certo que os textos conciliares não se esquecem de proclamar a centralidade única de Cristo, no mistério da salvação: «O nosso mediador é só um, conforme a palavra do Apóstolo: «não há senão um Deus e um mediador entre Deus e os homens, o homem Jesus Cristo, que Se entregou a Si mesmo para redenção de todos» (1 Tim. 2, 56) (L. G. 60). E previnem-nos ainda de que «a verdadeira devoção não consiste numa emoção estéril e passageira» (L. G. 67). Se alguma vez o culto de Maria revestir formas aberrantes, importa certamente corrigi-lo e até proscrevê-lo, nas deformações verificadas.

Não condenemos, porém, as várias expressões do culto mariano, ainda que populares, sem primeiro as avaliarmos adequadamente à luz da fé. Serão elas censuráveis só porque intensas e fortes, especiais e singulares, ternas e amorosas, espontâneas e quase instintivas? Se as condenamos por isto, como havemos de aceitar o Concílio, quando exalta a missão e dignidade únicas de Maria, para concluir que «a Igreja Católica, ensinada pelo Espírito Santo, Lhe consagra, como a Mãe amantíssima, filial afecto de piedade» (L. G. 53)? Como havemos de aceitar o Concílio, quando pede aos fiéis «que tenham em grande estima as práticas e exercícios de piedade para com Ela, aprovados no decorrer dos séculos pelo Magistério» (L. G. 67)? Também aqui poderíamos dizer com um eminente teólogo contemporâneo: «Em verdade não se compreende como é que uma certa mística de depuração sistemática do pensamento sobre os santos e o seu culto possa socorrer-se de um Concílio que lhes deu lugar de tanto relevo» (Card. Garrone).

Nem será difícil descobrir a verdadeira razão do furor anti-mariano que se apoderou de certos pseudo-teólogos e de alguns fiéis pretensa-

mente ditos «evoluídos». Enfeitiçados por uma espécie de neognosticismo, querem decantar a fé, a ponto de a reduzirem aos esquemas lógicos e abstractos de uma ideologia. E, como escreveu alguém, «as ideologias não precisam de Mãe» (K. Rahner).

Não tenhamos receio de que alguma vez a Virgem Santíssima erga obstáculo ao encontro da humanidade com Jesus Cristo. Pelo contrário, toda a razão de ser de Maria é aproximar as almas de Deus, feita corredentora sob o único Redentor, constituída Medianeira entre Jesus e os homens. Na Enc. «Mense Maio», de 1965, Paulo VI não temeu escrever: «Maria é sempre caminho que leva a Cristo. Todo o encontro com Ela termina num encontro com o próprio Cristo».

As aparições de Nossa Senhora aos pastorinhos de Fátima são a expressão eloquente, para o nosso tempo, do papel que Maria Santíssima desempenha, no mistério do Verbo Encarnado e do Corpo Místico. A Virgem da Cova da Iria é a Mensageira do Céu que aponta Jesus Cristo Salvador, único Caminho, Verdade e Vida; é o coração de Mãe que se oferece em refúgio aos filhos, para os conduzir até Deus, pela oração e pela penitência; é o grito de súplica que pede aos homens «não ofendam mais a Deus Nosso Senhor, que já está muito ofendido». A Virgem de Fátima é afinal a Virgem de Nazaré, de Belém,

de Caná da Galileia, do Calvário e do Pentecostes, sempre solícita em dar Cristo ao mundo e o mundo a Cristo. Agradecemos, pois, a vinda de tão excelsa Mensageira e não Lhe regateemos veneração, honra e louvor.

### O CONTEÚDO DA MENSAGEM

4 — Em segundo lugar, temos de agradecer também a Deus o próprio conteúdo da Mensagem que aqui nos foi comunicada. Ao considerar a sua ampla riqueza doutrinária, já alguém afirmou que ela constitui um admirável resumo do catecismo católico.

De facto, a Mensagem de Fátima, na singeleza evangélica dos dados originais que a compõem, propõe-nos as verdades fundamentais da fé cristã, que integram o núcleo da revelação bíblica. Como escreve um crítico contemporâneo, nas aparições da Serra de Aire «comprova-se a intervenção e mediação universal da Mãe de Deus, e garante-se a existência da Santíssima Trindade e a realidade da Presença Eucarística; recorda-se a necessidade instantânea da oração e o convite à Comunhão sacramental; atesta-se o dogma da Providência e a onnipotência de Deus, a par da sua omnisciência e justiça remunera-

● Continua na página 2



FÁTIMA, 13 de Junho — Bênção duma imagem do Imaculado Coração de Maria oferecida pela Congregação das Religiosas Reparadoras de N.ª S.ª das Dores ao Senhor Bispo de Nova Lisboa (Angola), D. Américo Henriques.

# HOMILIA DO SENHOR PATRIARCA DE LISBOA

(Continuação da 1.ª página)

radadora; não são fantasias o Céu, o Purgatório e o Inferno, como o não é o Corpo Místico de Cristo em que todos são solidários; existe a trágica realidade do pecado — o único mal verdadeiramente a temer e a evitar — e a conseqüente urgência da reparação; a oração e o sacrifício têm um valor vicário, impetratório e propiciatório, tão indispensável como decisivo; as nações, como os indivíduos, têm o seu Anjo da Guarda a velar por eles, e a quem se deve invocar, e as famílias encontram o seu modelo santificador na família de Nazaré; das grandes devoções marianas, salienta-se a eficácia excepcional do Rosário, de que a Aparição se apresenta como titular, e aponta-se a importância primacial da devoção ao Coração Imaculado de Maria; solicita-se fortemente a conversão dos pecadores e inculca-se a seriedade das decisões papais; Deus e Sua Mãe dominam e conduzem o devir da história, podendo e querendo interferir na vida e no destino do homem e da sociedade: a Eles pertence a última palavra do triunfo...» (S. Martins dos Reis).

Temos de agradecer a Deus toda esta riqueza doutrinal da Mensagem de Fátima. Numa hora como a nossa, em que algumas verdades de fé são levemente postas em causa, melhor se compreende a actualidade das Aparições da Cova da Iria. Ainda há pouco, a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé teve necessidade de tornar pública uma declaração, na qual se reprovam determinados erros teológicos recentes, sobre os mistérios fundamentais da Santíssima Trindade e da Encarnação do Filho de Deus (Ed. portuguesa de «L'Osservatore Romano», 19 de Março de 1972). E todos recordamos agradecidos as sucessivas intervenções do Magistério de Paulo VI que, tão corajosamente, tem prevenido a Igreja contra os desvios doutrinários em pontos fulcrais, como os relativos ao mistério da Eucaristia e à fecundidade do amor humano.

## A PROECÇÃO RELIGIOSA DA MENSAGEM

5 — Não é possível condensar, em breves palavras, a enorme projecção religiosa da Mensagem de Fátima, em Portugal e no Mundo inteiro.

Portugal deve-lhe certamente boa parte do renascimento cristão, que fez florir o deserto espiritual deste País. Aqui, aos pés da Virgem da Cova da Iria, afervoraram-se os exércitos de almas que ardentemente se empenharam na reconquista dos valores religiosos e morais, característicos da Terra de Santa Maria. Sob a protecção da Senhora de Fátima, nasceu e cresceu a Acção Católica Portuguesa, à qual somos devedores do mais sólido e vigoroso esforço de formação do laicado para as lides apostólicas. À sombra deste Santuário, efectuaram-se reuniões,

retiros e encontros, concentrações e congressos, cuja importância foi decisiva para a vida eclesial portuguesa. E quantas outras coisas se poderiam dizer, em louvor de Fátima! Resumi-as lapidarmente todas Sua Eminência o Cardeal Cerejeira quando, na homilia da Missa Jubilar de 13 de Maio de 1942, afirmou: «Não tem o vocabulário português outra palavra, para significar o que aqui se tem passado, de há vinte e cinco anos a esta parte, senão esta: Milagre!»

E o milagre de Fátima fez-se milagre do Mundo todo. A Virgem Peregrina percorreu os continentes e atravessou os mares, em romagem de graça, de luz, de misericórdia e de paz.

## II

### DESAGRAVO AO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA

6 — É certo, porém, que Portugal e o Mundo inteiro ainda não conheceram, nem aceitaram, a plenitude das dimensões espirituais de Fátima. A Mensagem da Cova da Iria continua por revelar aos homens, de modo eficaz. Alguns desconhecem-na, outros desprezam-na e não falta quem abertamente a hostilize. Pelos silêncios, pelas negações, pelas hostilidades levadas a cabo contra Fátima, a nossa peregrinação de hoje deseja ser também um acto de desagravo.

### A DEBILIDADE DA NOSSA ORAÇÃO

7 — Parte essencial da Mensagem que a Senhora nos dirigiu consiste no apelo repetido à oração e à emenda de vida. Quem, nesta hora, não deverá interrogar-se, seriamente, sobre o modo como tem correspondido ao convite de Nossa Senhora do Rosário? Acaso já demos cumprimento ao que a Virgem nos pediu?

Na célebre frase de um Padre da Igreja, «o mundo vive apoiado sobre a oração dos cristãos». Não será que a actual crise do mundo resulta de uma crise de oração? Certamente a hodierna crise da Igreja lança aí uma das suas mais fortes raízes. Onde está hoje a oração dos cristãos?

A esta pergunta responde assim um teólogo já referido: «Na confusão dos espíritos, na procura febril de novas relações com o mundo, tornou-se menos fácil e menos íntimo o contacto em profundidade com Cristo. Aumentou, sem dúvida, o fervor em volta de melhores liturgias da Palavra e da Eucaristia; mas fora desses momentos, a vida parece extinguir-se». E continua, mais adiante: «Nunca a Igreja teve tanta necessidade de oração, de almas que rezem, de contemplativos dedicados a esta tarefa, de cristãos capazes de silêncio e de recolhimento. A força da graça que animava a Igreja

reunida em Concílio exige um contacto profundo com essa mesma graça. E este contacto só a oração o pode estabelecer» (Card. Garrone).

Como prática concreta de oração, a Virgem Maria pediu-nos que rezássemos o terço todos os dias. O terço do rosário está, fora de dúvida, entre os exercícios de piedade aprovados, no decorrer dos séculos, pelo Magistério e que o Concílio nos manda ter em grande estima. Mal se compreende, pois, que haja quem o pretenda proscrever da oração individual e colectiva dos fiéis. O gesto de Paulo VI, peregrino de Fátima, que colocou o terço sobre as mãos da imagem da Senhora da Cova da Iria, deveríamos interpretá-lo como desejo de ver o rosário nas mãos, nos lábios e no coração de todos os cristãos.

### A INSUFICIÊNCIA DA NOSSA CONVERSÃO

8 — A par da oração, a Virgem de Fátima inculcou-nos a necessidade da emenda de vida. «É preciso que se emendem, que peçam perdão dos seus pecados» — dizia a Senhora, ainda na última aparição.

Fazer penitência, emendar a vida, é afinal o grande imperativo da existência cristã, que atravessa todo o Evangelho. E quanto ele urge, neste nosso século XX que progressivamente vai perdendo o sentido do pecado e da conversão! A própria crise da Igreja também encontra aqui a sua explicação verdadeira. Ela é, no fundo, uma crise de santidade.

A renovação conciliar não se fará só com palavras e reformas de estruturas. Há-de fazer-se sobretudo com vidas de santos. Por isso, o Concílio sublinhou, com tanto empenho, a vocação de todos os cristãos à santidade na Igreja. Será que esta doutrina já foi suficientemente meditada e posta na vida? Creio bem que não, tal como não foi escutado o apelo de Fátima à conversão e à reparação pelas ofensas feitas a Deus. Também, por este lado, a Mensagem continua a ser actual e inadiável.

## III

### SÚPLICA PELO SANTO PADRE E SUAS INTENÇÕES

9 — Finalmente, estamos aqui reunidos para pedir pelo Santo Padre e suas intenções.

Fátima encontra-se, desde a primeira hora, ligada ao Papa. Na terceira aparição, a Virgem Santíssima anunciou aos pastorinhos o grande sofrimento que esperava o Vigário de Cristo na terra: «O Santo Padre terá muito que sofrer». E é bem conhecida a devoção que os videntes, especialmente a pequenina Jacinta, dedicaram ao Romano Pontífice.

Por outro lado, quem não recorda

a presença constante do Papa em Fátima? Foi Pio XII que, em 1942, na celebração das bodas de prata das Aparições, consagrou o Mundo ao Coração Imaculado de Maria, conforme o pedido da Mãe de Deus. Foi o mesmo Sumo Pontífice que, através de legado Seu, presidiu às cerimónias da coroação da Virgem de Fátima, como Rainha do Universo, em 1946, e ao encerramento do Ano Santo aqui efectuado, em 1951. E foi sobretudo Paulo VI que, além de outros gestos de particular apreço para com Fátima, quis consagrar oficialmente este Santuário, honrando-o com a Sua visita de peregrino, em 13 de Maio de 1967.

Por intermédio da Virgem Santíssima, elevemos a Deus uma prece fervorosa pelo Santo Padre. Que o Senhor O conserve, vivifique e faça feliz; que O livre das mãos dos seus inimigos e O cumule de bênçãos no espinhoso exercício da Sua alta missão.

### AS INTENÇÕES DO PAPA

10 — As intenções do Papa devem ser as nossas grandes intenções e preocupações, na hora presente: a paz no Mundo e na Igreja, o aumento das vocações sacerdotais e religiosas, a santificação das almas consagradas a Deus.

A paz, firmada na verdade, na justiça e na liberdade, está longe de reinar entre os homens. Ainda há poucos dias, Sua Santidade referiu, com angústia e ansiedade, o avolumar-se do espectro da guerra que ameaça alastrar, nos países do Médio e Extremo Oriente. Partilhemos o sofrimento e a apreensão do Papa e façamos «que a nossa apreensão se traduza em oração e a nossa oração em esperança para o bem da Humanidade, para a justiça e paz na Terra, para a ponderação daqueles que são responsáveis pelos destinos dos povos» (Paulo VI, em 11 de Maio de 1972).

Peçamos também ao Senhor que firme e fortaleça a comunhão da Sua Igreja, tornando-a, cada vez mais, «sacramento» eficaz da presença de Cristo entre os homens. Só uma Igreja unida na fé, firme na esperança e irradiante no amor, conseguirá levar ao Mundo o testemunho de Jesus Ressuscitado.

Rezemos pelas almas particularmente consagradas a Deus: pelos sacerdotes, pelos religiosos e religiosas, pelos membros dos Institutos Seculares de perfeição. Em todos aumente a conformidade com Jesus Cristo que, por vocação de Deus Pai, nos chamou a sermos «santos e imaculados».

Suplicemos ainda ao Senhor que conceda à Sua Igreja as vocações sacerdotais e religiosas, hoje tão escassas, indispensáveis para levar a cabo as ingentes tarefas da evangelização do Mundo.

Todas estas intenções entregamo-las, confiadamente, ao Imaculado Coração de Maria, Mãe de Deus e Mãe nossa, e à valiosa intercessão de S. José, Padroeiro da Igreja Universal.

# PEREGRINAÇÃO MENSAL DE JUNHO

Nas cerimónias da peregrinação de 12 e 13 de Junho tomaram parte vários milhares de peregrinos, entre os quais diversos grupos de estrangeiros (franceses, alemães, espanhóis, italianos, etc.).

As cerimónias da noite constaram da habitual recitação do terço com cânticos e leituras bíblicas. Às 22 horas, foi exposto o Santíssimo Sacramento no altar exterior da Basílica. O Padre Norberto, superior das Missões da Consolata da Fátima, fez as homilias apropriadas, e, em seguida, realizou-se a procissão eucarística que percorreu o recinto acompanhada de muitos fiéis, apesar da chuva que caiu na Cova da Iria.

O Sr. Bispo auxiliar de Leiria levou a sagrada custódia na procissão. Às varas do pálio pegaram soldados e alunos do Instituto dos Pupilos do Exército.

Durante a noite, muitas pessoas permaneceram em adoração ao Santíssimo Sacramento num dos altares da colunata. Às 6 horas e meia, houve concelebração e distribuição da sagrada comunhão a milhares de peregrinos.

No dia 13, às 10 horas, os peregrinos reuniram-se em volta da capela das aparições para acompanhar a imagem de Nossa Senhora para o altar da escadaria. O Sr. Bispo de Leiria e o seu auxiliar presidiram à procissão. O andar foi conduzido por soldados do Regimento de Artilharia Fixa Aérea, de Queluz, e alunos do Instituto dos Pupilos do Exército.

Às 11 horas, iniciou-se a solene concelebração presidida por S. E. o Cardeal D. Manuel Gonçalves Cerejeira, com a participação dos Bispos de Leiria, Funchal, Viseu, Aveiro, Porto, Algarve, Portalegre e Castelo Branco, Bragança, Vila Real, Viseu, dois auxiliares de Lisboa, o Vigário-Geral das Forças Armadas, o Vigário Capitular de Coimbra, o Arcebispo de Mitilene e o auxiliar de Leiria, e ainda 25 sacerdotes portugueses e doutras nacionalidades.

Ao evangelho pregou o Sr. Dom Domingos de Pinho Brandão. Na altura própria os concelebrantes distribuíram a sagrada comunhão a muitos milhares de fiéis que suportaram a chuva que caía com certa frequência.

No fim da missa, o Sr. Bispo de Leiria recitou a consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria e o Sr. Cardeal e os Bispos deram a bênção episcopal aos peregrinos.

O Sr. D. João Pereira Venâncio deu a bênção com o Santíssimo Sacramento a 65 enfermos, enquanto a multidão rezava pela paz no mundo e na igreja, pela união de todos os cristãos, pelas vocações sacerdotais, religiosas e missionárias e pela cura dos doentes. Pegou na umbela o coronel Alfredo Ferreira Gonçalves, antigo director do Instituto dos Pupilos do Exército.

Antes da procissão do adeus, o Sr. Bispo de Leiria benzeu uma imagem do Imaculado Coração de Maria, oferecida pela Congregação das Religiosas Reparadoras da Fátima ao Bispo de Nova Lisboa, Dom Américo Henriques, que esteve presente nas cerimónias e partiu no dia 26 para a sua nova Diocese, em Angola.

As cerimónias terminaram com a procissão do adeus. — S. I. S.

## Efemérides da Fátima

### JULHO

1917 — 13 — Terceira aparição de Nossa Senhora na Cova da Iria, aos três pastorinhos, Lúcia, Francisco e Jacinta.

1924 — 8 — A Lúcia é submetida a interrogatório canónico, em tribunal constituído por 2 representantes da Comissão Episcopal de Leiria, Dr. Formigão e Dr. Marques dos Santos, e um da Cúria do Porto Dr. Pereira Lopes.

1950 — 1 — Peregrinação do Cardeal João Gualberto, Arcebispo do Peru.

1952 — 7 — S. S. Pio XII dirige uma Carta aos Povos russos em que expressamente consagra a Rússia ao Imaculado Coração de Maria.

1958 — 2 — A Cúria Diocesana de Coimbra torna pública uma declaração da Irmã Lúcia sobre umas pretensas revelações relacionadas com o chamado segredo da Fátima. A vidente declara serem falsas as «profecias» que a Imprensa lhe atribui e publica com grande sensação.

28 — O Almirante Américo Tomás, Presidente da República Portuguesa, e esposa visitam pela primeira vez o Santuário da Cova da Iria.

1959 — 2 — Peregrinação do Cardeal Tiago Lercaro, Arcebispo de Bolonha.

1960 — 25 — Chega ao Santuário uma peregrinação de 400 americanos.

1962 — 9 — A Arquiconfraria do Perpetuo Socorro organiza uma peregrinação de 10.000 pessoas.

1963 — 8 — Peregrinação do Arcebispo Chenork Caloustian, Patriarca dos católicos do rito arménio da Turquia.

19 — Peregrinação do Arcebispo de Belgrado e do Bispo de Gissia, na Jugoslávia.

1966 — 25 — O Sr. D. João Pereira Venâncio, Bispo de Leiria, publica uma Carta Pastoral sobre o duplo Cinquentenário: Restauração da Diocese de Leiria e Aparições da Fátima.

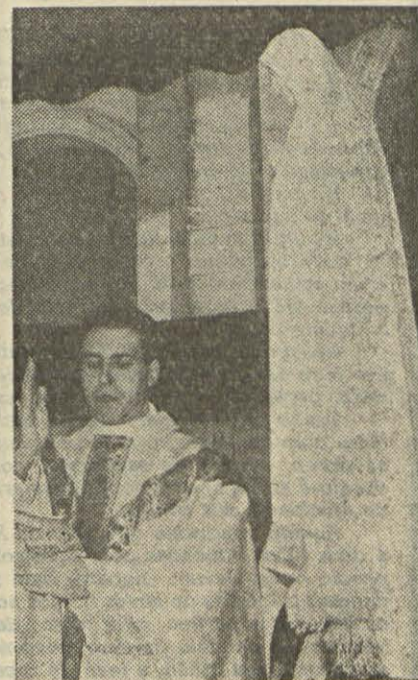
1967 — 23 — Grandiosa e comovedora peregrinação dos Municípios de Portugal que efectuaram a sua consagração a Nossa Senhora. Presidiu o Cardeal Patriarca de Lisboa e estiveram presentes o Presidente da República e vários Ministros.

1968 — 5 a 7 — Realizou-se o I Congresso Católico do Doente com a presença do Cardeal Patriarca

## SERVIÇOS MARCADOS PARA O MÊS DE AGOSTO NO SANTUÁRIO

- 2 a 7 — Retiro de colaboradores do sacerdócio.
- 3 a 7 — Retiro da União Missionária Franciscana.
- 16 a 20 — Retiro da Liga Intensificadora da Acção Missionária (LIAM).
- 16 e 17 — Peregrinação do Colégio Missionário Ultramarino de Arcozelo.
- 21 a 25 — Retiro da União Missionária Franciscana.
- 23 a 31 — Semana Gregoriana.
- 27 a 31 — Retiro de rosaristas, organizado pelos Dominicanos da Fátima.

## A FÁTIMA NO LUXEMBURGO



O Sr. Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, benze, na Fátima, na peregrinação de Maio, a imagem de Nossa Senhora que os emigrantes portugueses no Luxemburgo ofereceram ao povo daquele país e ali já foi solenemente entronizada no meio de grandiosas manifestações de fé e de amor à Virgem Santíssima.

### Pensem que...

Discutir diante dos filhos, usar termos, nem sempre convenientes, mas que a sua memória infantil fixa e guarda, é deixar nos seus espíritos uma semente nociva e perigosa.

## SERVIÇO NACIONAL DE DOENTES

### O Cristão e o Sofrimento

Ninguém desconhece a doença. Se não foi já vítima dela, viu-a pelo menos no sofrimento de alguma pessoa amiga.

Em mensagem aos nossos irmãos que sofrem, o Santo Padre João XXIII afirmou: «Sentimo-nos felizes, queridos filhos e queridas filhas, por nos dirigirmos, em paternal confiança, a todos vós que fostes provados em vossos corpos, e que sois assim os membros sofredores da Santa Igreja, mais próximos de Jesus Cristo.

«Com efeito, todos sabemos que não temos na terra morada permanente; os sofrimentos da nossa vida purificam a alma, elevam-na, abrem as portas do Céu aos outros e a nós mesmos; sigamos generosamente pelo caminho traçado pelo doce Jesus, nosso Divino Mestre e Redentor, conforme Ele próprio nos convida: Se alguém quer vir após mim, tome a sua cruz e siga-me (Lucas 9, 23)».

O doente cristão está protegido contra falsas atitudes duma resignação passiva. Ele está disposto à oferta, à oração, ao sacrifício; redime o mundo e com a sua paixão completa o que falta à paixão de Jesus.

Sabe muito bem que a Igreja nasceu do lado aberto de Jesus no Calvário, e que o seu corpo trespassado pela dor reflecte a imagem do Redentor.

Dá a prova da amizade: sofre por amor d'Aquele a quem ama, e por aqueles por quem Jesus morreu.

O seu sofrimento é uma manifestação da sua caridade apostólica. Nele não há desânimo e muito menos revolta contra a sua situação. Se luta por manter a vida e o equilíbrio da saúde abalada, é para colocar ao serviço de outrem, da sociedade, da Igreja, tudo o que nele resta de força, de capacidade de agir, numa palavra, dá-se.

Se vê aumentar o peso da cruz, sabe que aumenta a medida da graça e aumentará também a medida da glória.

Se somos duramente provados pela dor, faz-nos, Senhor, altamente cristãos!

MARIA DE NORONHA E LORENA

## BOM DIA, SENHORA!

**N**ÃO passei bem a noite. Deitei-me tarde. Vi pela televisão o concurso das «misses», espectáculo triste, degradante, sem qualquer significado. Moças de 24 países prestaram-se a serem «observadas, examinadas, aplaudidas, vaiadas» por cinco milhões de portugueses, tantos foram os que viram o espectáculo nos quadros da televisão, que um jornal classificou do «maior espectáculo de beleza e juventude até hoje realizado em Portugal!»...

Para muitas dessas jovens foi a noite mais longa, mais dura, mais trágica da sua vida.

Vivemos num mundo de contrastes. Comemorou-se há pouco tempo, em todo o mundo, o dia dos meios de comunicação social. A televisão é um esplêndido meio de comunicação, mas a transmissão dum concurso destes não é certamente o meio de a televisão contribuir para um sã ambiente social.

Mas a minha noite não foi tranquila também por outros acontecimentos, e é para as criaturas neles envolvidas que eu venho, Senhora, pedir amparo, protecção, carinho e intercessão.

Tenho pensado muito nessas famílias e estendo a tantas outras, que Tu, Mãe, bem conheces, o meu pensamento, com pena de não poder aliviar as dores, mitigar os sacrifícios, contribuir para a sua felicidade. Este desejo é sincero, e como eu desejaria que todos os homens cooperassem na felicidade dos irmãos.

Aquele emigrante que veio da França para dar sepultura à esposa e a duas filhas vitimadas pela catástrofe da explosão de gás que abalou o prédio onde viviam. Reparei bem no seu rosto. Como ele reflectia as imensas tragédias de tantos irmãos nossos que deixam os lares, as famílias, os haveres e partem, para terras desconhecidas, à procura do sustento. Lembro-me daquele pai que, consentindo na abalada da filha menor, para se juntar a seu irmão, a teve de receber no regresso a casa com um filho nos braços. Os caminhos da emigração estão cheios de dores, de lágrimas, de desilusões, de desavenças conjugais, de lares desfeitos, de filhos abandonados. De muito pouco valem os dinheiros ganhos em canseiras, trabalhos difíceis, sofrimentos, separações. O seu valor fica mais reduzido em face de tanto descalabro moral.

Se houvesse mais justiça, tu bem o sabes, Senhora, o mundo emigrante seria outro!

Recordo-te também aquele casal, ele, soldado regressado da África, que veio cumprir a promessa feita nas selvas terroristas, em momentos de perigo, com a sua mulher, a quem os inconvenientes e incómodos da viagem fizeram perder o filho nascido prematuramente. Como esse homem chorava amargamente, ao deixar sepultado, aqui, o fruto do seu amor, a continuação da sua vida! A vida é um desmanchar de esperanças terrenas, e custa muito quando não é alicerçada na esperança da fé cristã.

E lembro ainda aquela família que, nesta mesma noite, ficou privada do seu chefe, falecido depois de tantos meses de doença atroz. Deixou viúva e cinco filhos menores. Era jovem ainda e também ele vivia o seu mundo de esperança, de sonhos, de projectos de bem-estar e de conforto para a sua família. Morreu serenamente, rodeado da mulher e dos filhos. Esperamos na misericórdia do Senhor!

Os casos que recordei junto de Ti, Senhora, não foram conhecidos, certamente, dos homens da T. V.. E, se a esses milhões de telespectadores, nessa noite de «eleição», as câmaras os tivessem posto na sua frente?!

O mundo não quer ver e ouvir a verdade de certas horas; horas repletas de trabalhos, de apatia e de nada; horas amargas de dor e de desengano. Horas alegres de felicidade e de entrega.

Horas monótonas e de crises. Horas brilhantes de tarefas com êxito. Horas íntimas de calor e de trato. Horas abertas de gente e de ruído. Horas de verdade na sinceridade que custa. Horas de mentira no engano dos dias.

Horas generosas do amor que se entrega. Horas egoístas do amor que se injuria.

Horas simples de meninos, de pombas. Horas complicadas de homens e de sombras.

Horas de um passado que se foi sem conteúdo. Horas de um amanhã que chegará cheio de esperança.

Posso, com certeza, Senhora, invocar-Te como Senhora das minhas horas, Senhora de todas as horas!... — FPO

## O Inferno existe

**F**AZ no dia 13 de Julho 55 anos que Nossa Senhora mostrou o inferno aos Pastorinhos. É curioso observar que, sendo seis as aparições da Fátima, em metade delas, ou seja, nas de Maio, Julho e Agosto, Nossa Senhora falou do inferno. Em Julho, não contente com falar, mostrou-o mesmo às três crianças.

Elas não precisavam desta visão, pois na segunda e terceira aparições receberam da Virgem Santíssima a garantia da sua salvação. Mas precisamos nós. Por isso a Jacinta recomendava à Lúcia:

— «Eu vou para o céu, mas tu ficas cá. Se Nossa Senhora te deixar, diz a toda a gente como é o inferno para que não façam mais pecados e não vão para lá».

Como a visão do inferno fazia parte do segredo, os pastorinhos estavam por então obrigados a guardar silêncio sobre o que nessa altura lhes foi manifestado.

Só em 1941, a Lúcia pôde escrever no III Manuscrito:

«O que é o segredo? Parece-me que o posso dizer, pois que do céu já tenho a licença... Bem, o segredo consta de três coisas distintas, duas das quais vou revelar... A primeira foi a vista do inferno.

Nossa Senhora mostrou-nos um grande mar de fogo que parecia estar debaixo da terra. Mergulhados em esse fogo, os demónios e as almas como se fossem brasas transparentes e negras ou bronzeadas com forma humana que flutuavam no incêndio levadas pelas chamas que delas mesmas saíam, juntamente com nuvens de fumo, caindo para todos os lados, semelhante ao cair das faúlhas em os grandes incêndios, sem peso, nem equilíbrio, entre gritos e gemidos de dor e desespero que horrorizavam e faziam estremecer de pavor. Os demónios distinguíam-se por formas horríveis e asquerosas de animais espantosos e desconhecidos, mas transparentes e negros. Esta vista foi um momento e, graças à Nossa boa Mãe do Céu, que antes nos tinha prevenido com a promessa de nos levar para o Céu (na primeira aparição — e na segunda também, acrescentamos nós); se assim não fosse creio que teríamos morrido de susto e pavor. Em seguida levantámos os olhos para Nossa Senhora que nos disse com bondade e tristeza: — Vistes o inferno para onde vão as almas dos pobres pecadores».

Nesse mesmo documento escreveu a Lúcia, dirigindo-se ao falecido Senhor Bispo de Leiria, estas palavras acerca da primeira edição do conhecido livro Jacinta, da autoria do Senhor Cônego Dr. José Galamba de Oliveira:

«Parece-me que seria do agrado de Deus e do Coração Imaculado de Maria que no livro A Jacinta se dedicasse um capítulo a falar do inferno e outro do Coração Imaculado de Maria. V. Ex.<sup>a</sup> vai decerto achar esquisito e fora de jeito este parecer, mas ele não é meu, e Deus fará ver a V. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>m</sup> que aí vai a sua glória e o bem das almas».

O Novo Testamento, que é mensagem do amor de Deus aos homens, fala-nos umas 18 vezes no inferno e cerca de 10 declara que ele é eterno.

Jesus, apesar de ser todo coração, anuncia simultaneamente a salvação eterna para os bons e castigos sem fim para os maus.

Diz que quem cometer o pecado contra o Espírito Santo é réu de eterno castigo (Mc. 3, 29; Mt. 12, 32). Previne que aqueles que se obstinam no mal «serão lançados nas trevas exteriores, onde haverá choro e ranger de dentes» (Mt. 8, 21).

Esta expressão encontra-se seis vezes em São Mateus e lê-se também em São Lucas (13, 28). Admoesta os apóstolos: «Não tenhais medo daqueles que matam o corpo e não podem matar a alma; temeí antes aquele que pode lançar na geena a alma e o corpo» (Mt. 10, 28). Vale mais privar-se de coisas tão queridas, como a vista, a mão ou o pé, do que ser condenado ao inferno «onde o fogo não se apaga» (Mc. 9, 43-49).

Aos escribas e fariseus dirige estas palavras terríveis: «Raca de víboras, como escapareis da condenação da geena» (Mt. 23, 13-37)? O rico aventureiro é lançado no lugar dos tormentos, sofrendo horrivelmente naquelas chamas (Lc. 16, 19-30). A mesma lição se colhe das parábolas da cizânia, da rede varredeira (Mt. 13, 36-43; 47-50) e outras.

«Se alguém não permanecer em mim — avisa Jesus — será lançado fora e secará e enfeixá-lo-ão no fogo e arderá» (Jo. 15, 6).

O Salvador é ainda mais explícito na sentença final, que pronunciará com estas palavras: «Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno... Esses irão para o suplício eterno» (Mt. 25, 33-46).

A Igreja, depositária e intérprete infalível da palavra do Senhor, repetidas vezes definiu como verdade de Fé a existência do inferno (Concílio IV de Latrão e de Florença, Denz. 429, 693). E o Papa Bento XII: «Definimos que, segundo a lei comum de Deus, as almas dos que saem deste mundo com o pecado mortal actual, imediatamente depois da sua morte, descem ao inferno, onde são atormentadas com penas infernais» (Denz. 531).

Apesar desta verdade da nossa Fé ser tão clara e tantas vezes repetida, Nossa Senhora, que não quer os seus filhos a sofrer eternamente, vem, como Mãe bondosa, recordá-la com impressionante insistência.

Participava dos seus sentimentos a pequenita Jacinta, quando dizia à Lúcia: «Porque é que Nossa Senhora não mostra o inferno aos pecadores? Se eles o vissem, já não pecavam para não irem para lá. Há-de dizer àquela Senhora que mostre o inferno a toda aquela gente. Verás como se convertem! Que pena eu tenho dos pecadores! Se eu pudesse mostrar-lhes o inferno!»

Não era para os atormentar, mas para os converter, que a pequenina pastora manifestava semelhantes desejos, os mesmos de sua e nossa Mãe Imaculada.

A Lúcia observa criteriosamente: «Algumas pessoas mesmo piedosas não querem falar às crianças no inferno, para as não assustar. Mas Deus não hesitou em mostrá-lo a três e a uma de sete anos apenas e que Ele sabia que se havia de horrorizar a ponto de, quase me atrevia a dizer, de susto se desfinhar».

Hoje em dia, não só às crianças mas até aos grandes se cala e mesmo se põe em dúvida ou se nega esta terrível verdade. Mas Deus e Nossa Senhora pensam doutra maneira e certamente não se enganam.

P. FERNANDO LEITE

## Obra dos Sacrários

Realiza-se, no Santuário da Fátima, de 17 a 21 deste mês de Julho, o encontro nacional da Obra dos Sacrários.



A já conhecida organização italiana Unitalsi continua a trazer frequentemente grupos de doentes ao Santuário da Fátima. O transporte é feito de avião, em cadeia, isto é, o avião que traz um grupo regressa com outro. Além de doentes, vêm incorporados médicos, servitas, enfermeiras e dirigentes da organização. Em Abril e Maio, nas datas que passamos a indicar, vieram grupos das seguintes regiões: EM ABRIL — 9 a 13, da Toscana; 13 a 17, da Sardenha; 17 a 21, do Piemonte; 21 a 25, da Sicília; 25 a 29, da Emilia; 29 a 3, de Veneza. EM MAIO — 3 a 7, de Roma, Nápoles e Abruzos; 7 a 11, da Lombardia; 11 a 15, do Piemonte; 15 a 19, da Marcha; 19 a 21, da Lombardia; 23 a 27, da Úmbria. A gravura mostra um destes grupos na Fátima.